

**Conservação da Paisagem:****A preservação da identidade de Rio Branco na criação da Praça da Revolução****Alda de Azevedo FERREIRA\***

**Resumo:** A Praça da Revolução Cel. Plácido de Castro, localizada na cidade de Rio Branco, Estado do Acre, teve seu projeto de requalificação paisagística elaborado em 2005 pelo escritório Burle Marx e Cia Ltda. Como pré-requisito, foi solicitado que a criação mantivesse uma relação tangível com a conservação da memória do lugar. O presente artigo apresenta uma descrição da criação do projeto paisagístico, com base em depoimentos obtidos em entrevistas ao arquiteto Haruyoshi Ono, diretor geral do escritório Burle Marx e Cia Ltda., contextualizadas ao momento histórico-cultural, a fim de compreender o cenário que reflete em suas decisões projetuais. Esta investigação permitiu observar que preocupações com a conservação da paisagem são transversais à concepção e definem sua sustentabilidade, englobando relações com a cultura, o meio ambiente, e o social, sem perder de vista a estética e a preservação da identidade do lugar, e sintetizam o compromisso ético do paisagista contemporâneo.

**Palavras-chave:** Paisagem. Paisagismo. Identidade. Praça da Revolução. Haruyoshi Ono.

**Conservation of the landscape:****The preservation of Rio Branco's identity in the creation of Praça da Revolução**

**Abstract:** The Plaza of the Revolution Colonel Plácido de Castro, located in the city of Rio Branco, Acre State, had his landscape rehabilitation project developed in 2005 by Burle Marx and Cia Ltda. As a prerequisite, the establishment had to maintain a tangible relationship with the conservation of the place memory. This article presents a description of the creation of landscape design, from statements obtained in interviews the architect Haruyoshi Ono, director general of the Burle Marx and Cia Ltda., contextualized by the historical-cultural moment, to understand the scenario that reflects himself in their project decisions. Through this research it was noted that concerns about land conservation are transverse at the design and define their sustainability, encompassing culture, environment,

---

\* Doutoranda - Colaboradora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil. Av. Pedro Calmon, nº 550 | Campus Universitário - Prédio da Reitoria, 4º andar | CEP 21941-901 | Rio de Janeiro – RJ.

and social, without losing sight the aesthetic and the preservation of the identity of the place, and summarize the ethical commitment of the contemporary landscape painter.

Keywords: Landscape. Landscaping. Identity. Praça da Revolução. Haruyoshi Ono.

## 1 Introdução

A Praça da Revolução Cel. Plácido de Castro é um logradouro público localizado na cidade de Rio Branco, capital do Estado do Acre que, de acordo com informações da Fundação Municipal Garibaldi Brasil (FGB)<sup>1</sup>, compreende uma área de 11.000 m<sup>2</sup>. Geograficamente, sua localização está incluída no Bioma da Floresta Amazônica que, segundo Aziz Ab' Saber, significa dizer que está “no cinturão de máxima diversidade biológica do planeta” (2003, p.65). Dessa forma, a região caracteriza-se pelo clima equatorial úmido com predominância da vegetação de alta densidade florestal, com elevado índice pluviométrico e rios pertencentes à Bacia Hidrográfica do Rio Amazonas, e pelas sutis variações de ecossistemas (Figura 1).



**Figura 1:** Imagem de satélite da Praça da Revolução, AC  
**Fonte:** Google Maps

A história da praça remete ao início da formação da cidade de Rio Branco e do próprio Estado do Acre. De acordo com informações cedidas pela Fundação Municipal de Cultura Garibaldi Brasil, a partir de meados dos anos 1920, foi construído o Quartel da Guarda Territorial do Acre e a Penitenciária, com um espaço livre central que foi denominado Praça Rodrigues Alves. Posteriormente, a praça recebeu uma estátua em homenagem ao Coronel Plácido de Castro, passando a ser chamada pela população de Praça Plácido de Castro.

Ao longo das décadas de 70 e 80, ainda segundo pesquisa da FGB, a Praça Plácido de Castro passou por grave descaso dos governantes em sua manutenção, passando a ser tomada por vândalos e pelo comércio informal, que culminou com seu abandono e rejeição por parte da população. Esta situação perdurou até os anos 90, quando foram providenciadas algumas melhoras. Posteriormente, esses problemas tornaram a acontecer provocando sua descaracterização até o ano de 2004.

Gradativamente no decorrer do tempo, esta praça foi afirmando seu significado na paisagem, enfatizando sua identidade como principal espaço público da cidade de Rio Branco, e um dos únicos pontos de diversão da população. Entretanto, é com a reforma encomendada ao escritório Burle Marx e Cia., que este lugar que acompanhou todo o desenvolvimento da capital acreana adquiriu sua atual feição, e passou a ser chamada de Praça da Revolução Cel. Plácido de Castro.

A solicitação do projeto paisagístico para a Praça da Revolução Cel. Plácido de Castro foi proveniente de uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Rio Branco e o Governo do Estado do Acre, que estabeleceram como prioridade o resgate e a preservação da história acreana. Sua criação foi solicitada no ano de 2005, tendo como um dos pré-requisitos a relação tangível com a memória do lugar, almejando a conservação de sua paisagem.

Contudo, até o presente momento, não há estudos sobre a referida praça, bem como, sobre de que maneira tem se desenvolvido a criação paisagística contemporânea. Assim, o presente artigo discorre sobre a criação do projeto paisagístico a partir de depoimentos obtidos em entrevistas abertas ao arquiteto Haruyoshi Ono, diretor geral do escritório Burle Marx e Cia Ltda. Suas informações foram contextualizadas ao momento histórico-cultural em que a elaboração ocorreu, com a finalidade de compreender o cenário em que estava inserido, que reflete em suas decisões. Esta investigação permitiu observar que preocupações com sustentabilidade são transversais à concepção, e englobam relações com a cultura, o meio ambiente, e o social, sem perder de vista a estética e a preservação da identidade do lugar, e sintetizam o compromisso ético do arquiteto paisagista na criação da paisagem.

## **2 Diretrizes para preservação da identidade e sustentabilidade**

A partir da década de 90, de acordo com Nilson Silva (2009), o Governo do Estado do Acre incorporou em sua agenda política o discurso socioambiental como alternativa para proporcionar o crescimento econômico, tendo em vista seu “desenvolvimento sustentável”. Este contexto político acompanhou as diretrizes mundiais, mas localmente foi movido pelo

enfraquecimento da atividade econômica gerada pela extração do látex para a borracha a partir da segunda metade do século XX, pelas reivindicações das demandas étnicas e sociais dos índios e seringueiros acreanos, e pela ampliação do debate sobre a preservação do meio ambiente, que atinge repercussão mundial com a morte do seringalista Chico Mendes.

Assim, segundo Maria de Jesus Morais (2008), em meio a um projeto que englobou vários segmentos no âmbito social econômico e ambiental, é dado início a um processo de requalificação urbana da cidade de Rio Branco com o objetivo de revitalizar trechos da paisagem e, desse modo, materializar o discurso identitário tanto do ponto de vista material quanto imaterial, promovendo o sentimento de pertencimento pela população aliado à conservação ambiental do lugar. Com essas diretrizes, o intitulado Governo da Floresta solicitou, então, a renovação da antiga Praça Plácido de Castro, considerada pela população como um monumento simbólico da história do Acre.

As diretrizes políticas do Governo da Floresta foram então pautadas no conceito de desenvolvimento sustentável e, conseqüentemente, refletiram nas solicitações para o projeto paisagístico da Praça da Revolução. Tal paradigma, de acordo com Welther Holzer, configura a busca por estratégias necessárias à redefinição das relações entre a sociedade e o meio ambiente, e conduz até mesmo a inserção do ser humano e da cultura local no processo de investigação urbana para o desenvolvimento de procedimentos e práticas de caráter arquitetônico, urbanístico e paisagístico.

As primeiras conscientizações neste sentido começaram a surgir, no campo político, a partir do final da década de 60, no intuito de buscar soluções para a crise global que afeta o planeta. Verificou-se que a crescente degradação das condições de vida solicitava reflexões sobre os desafios para mudar as formas de pensar e agir na esfera ambiental, integrando as formas de vida, e baseada numa articulação entre conceitos de identidade cultural e diversidade, preservação e educação ambiental, mobilização, participação e práticas interdisciplinares, entendidos a partir da ética Ecocêntrica (JACOBI, 2003).

A realidade passou então a ser pensada de modo complexo, de acordo com Jacobi (2003), e definida como uma nova racionalidade e um espaço onde se articulam natureza, técnica e cultura, produzida na inter-relação dos saberes e das práticas coletivas que criam identidades e valores comuns, e englobando uma reapropriação da natureza, conjugada mediante um diálogo interdisciplinar. De acordo com Acselrad (1999), “[...] dir-se-ão então sustentáveis as práticas que se pretendam compatíveis com a qualidade futura postulada como desejável.”

No âmbito urbano, o entendimento dos problemas ambientais acontece a partir da visão do meio ambiente como um campo de conhecimento e significados socialmente

construídos, que é perpassado pela diversidade cultural e ideológica. A cultura, no sentido mais amplo, representa todo o modo de vida de uma sociedade, o que não inclui somente a produção de objetos materiais, mas um sistema cultural (valores morais, éticos, hábitos e significados expressos nas práticas sociais), um sistema simbólico (mitos e ritos unificadores) e um sistema imaginário, que serve de liame aos dois últimos, constituindo-se no *locus* da construção da identidade espacial de um grupo. Este conceito, segundo Vera Melo (2005), foi incorporado pelos estudos de paisagem em meados do século XX, por causa da noção adquirida de que a apreensão da totalidade do ambiente que envolve o homem, seja físico, social ou imaginário, reflete diretamente em sua conduta.

A paisagem passou então a ser entendida além dos aspectos materiais, passando a englobar também caráter cultural e baseada na subjetividade de cada indivíduo. Entendendo o sujeito do ponto de vista de sua percepção, que é moldada pelos valores sociais, enquanto fenômeno portador dos aspectos físicos e biológicos de um local, e de sua cultura, no desenvolvimento de procedimentos e práticas de caráter arquitetônico, urbanístico e paisagístico.

No Brasil, o primeiro paisagista a defender a preservação e manutenção de uma situação equilibrada e favorável à vida por meio da atividade paisagística foi Roberto Burle Marx. Para ele, o trabalho do paisagista deveria ser constituído de uma adequação do meio ecológico às exigências naturais da civilização. De acordo com Burle Marx:

Lutamos de certa forma, uma batalha de retaguarda. Cabe ao arquiteto paisagista tentar evitar a destruição da região natural onde ela ainda existe; e, ao mesmo tempo, criar novas paisagens, com ecos da natureza não elaborada, a fim de conservar e estabelecer um legado artístico digno daqueles que virão. (MARX, 2004, p.67).

Tal percepção foi adquirida por Haruyoshi Ono, seu mais presente discípulo e atual diretor geral do escritório Burle Marx & Cia Ltda, localizado no Rio de Janeiro. Estes aspectos são observados em seus jardins, e resultam em projetos paisagísticos integrados à paisagem, buscando conservá-la em suas peculiaridades. Entre seus projetos paisagísticos destaca-se o realizado para a Praça da Revolução Cel. Plácido de Castro.

### **3 A requalificação paisagística da Praça da Revolução**

O projeto paisagístico para a Praça da Revolução Cel. Plácido de Castro foi desenvolvido pelo arquiteto Haruyoshi Ono no ano de 2005, juntamente com a equipe do escritório Burle Marx e Cia Ltda., e compreende uma área de 11.000 m<sup>2</sup>. Em suas

resoluções, Ono buscou atender às solicitações das diretrizes políticas sem abstrair de seus princípios projetuais, consolidados ao longo de sua trajetória profissional. Em entrevista concedida em 2011<sup>2</sup>, ele relata que para elaborar sua concepção paisagística um dos principais pontos de partida foram os aspectos físicos – como a vegetação, o clima, a topografia, que caracterizam o meio ambiente – e culturais. Segundo Ono,

Tem que conhecer bem o local para onde o projeto se destina, observar o entorno. Isso é muito importante porque o projeto, independente do tamanho, vai fazer parte de um conjunto, vai ser inserido. **Isso significa observar o clima, a temperatura, todos os aspectos físicos, que devem ser vistos logo no início.** (Entrevista, 6 jun. 2012, grifos nossos).

Assim, o princípio fundamental que regeu a concepção paisagística de Haruyoshi Ono na Praça da Revolução pode ser interpretado como uma busca pela relação com o espírito do lugar. A ideia de *locus*, ou lugar, de acordo com Kate Nesbitt (2008), é resultado da combinação das necessidades humanas com um sítio natural determinado. Essa circunstância deu-se no período clássico e representava a convicção de que um local específico, ao qual se atribuía valor simbólico, governado pelo *genius loci*, ou espírito do lugar, divindade local que protegia e cuidava de tudo que se passava nele.

O conceito do *genius loci*, ou espírito do lugar, foi retomado pela teoria da arquitetura a partir dos anos 60, em reação à postura modernista de ruptura com a tradição historicista ou simbólica como princípio projetual para a concepção em arquitetura. Entre os teóricos que defendem este pensamento, destaca-se o arquiteto norueguês Christian Norberg-Schulz, que reflete que a natureza é uma totalidade, entretanto, um lugar “[...] de acordo com as circunstâncias locais, possui uma identidade peculiar.” (NORBERG-SCHULZ, 1976 apud NESBITT, 2008, p.448).

Neste sentido, ainda segundo Norberg-Schulz, toda paisagem possui identidade e é subordinada ao meio ambiente em que se encontra, relacionando com isso as ações antrópicas especificamente ao seu respectivo meio físico e biológico, ou seja, ao sítio natural determinado. Vista dessa maneira, o espírito do lugar remete à ideia de um sítio ao qual é atribuído significado por um grupo social, tornando-se assim um lugar simbólico, cujo caráter é entendido como uma das suas características fundamentais. Segundo definição da Declaração de Quebec, resultante da 16ª Assembleia Geral do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS)<sup>3</sup>:

O espírito do lugar oferece uma compreensão mais abrangente do caráter vivo e, ao mesmo tempo, permanente de monumentos, sítios e paisagens culturais. Supre uma visão rica, mais dinâmica e abrangente do patrimônio cultural. O espírito do lugar existe, de uma forma ou de outra em

praticamente todas as culturas do mundo e é construído por seres humanos em resposta às suas necessidades sociais. As comunidades que habitam o lugar, especialmente quando se trata de sociedades tradicionais, deveriam estar intimamente associadas à proteção de sua memória, vitalidade, continuidade e espiritualidade. (Declaração..., 2008, p. 2).

A preservação destas características pode ser considerada objetivo da atividade de criação da paisagem, visando “descobrir os sentidos potenciais que estão presentes num meio dado *a priori*” (MAGALHÃES, 2001, p. 239). Sua importância deve-se a uma situação fundamental para a função psicológica do homem, que necessita orientar-se e identificar-se com o ambiente. A identificação acontece pela sensação de proteção, que é obtida a partir de seu autorreconhecimento em determinado lugar que lhe é peculiar.

A interpretação do espírito do lugar correspondia a um dos procedimentos adotados por Roberto Burle Marx, que dizia que a criação do jardim fundamenta-se no princípio de que “Cada composição deve ser em função da forma de viver, da área, das peculiaridades de cada caso, da utilização e do clima.” (MARX, 1994, p.210). Haruyoshi Ono, em entrevista concedida em 2011<sup>4</sup>, complementa que

[...] **cada lugar tem suas peculiaridades**, a começar pela vegetação e o clima. **Tudo isso tem que ser levado em consideração**. Além dos hábitos e costumes que, por exemplo, do Nordeste são diferentes do Sudeste. Tudo isso deve ser considerado, caso contrário, perde-se a identidade do ambiente. (Entrevista, 28 jul. 2011, grifos nossos).

A Praça da Revolução acompanhou o crescimento da cidade de Rio Branco, desde que o território acreano ainda pertencia à Bolívia. Segundo informações da Fundação Municipal Garibaldi Brasil, com o tempo, esta praça tornou-se o principal espaço público da capital e um dos poucos pontos de diversão, sendo considerada pela população como um monumento simbólico de sua história. Sua significância para o povo acreano traduz o espírito do lugar.

Haruyoshi Ono buscou interpretar estes significados com o objetivo de resgatar o sentimento de apropriação do espaço pela população aliado à conservação ambiental do lugar, para originar sua criação. Este foi um dos princípios fundamentais para a elaboração do projeto paisagístico, pois, conforme Ono descreveu em entrevista concedida em 2012<sup>5</sup>,

A intenção política era requalificar a área que estava desvalorizada na época, porque antes era o ponto de encontro da cidade, mas tinha sido abandonado, [...] e estava degradado, as árvores muito maltratadas. Desta forma, decidiu-se revitalizar esse local [...]. (Entrevista, 6 jun. 2012).

Um dos aspectos característicos da antiga praça era a presença de vendedores ambulantes que, distribuídos de maneira informal, tornavam o ambiente desorganizado. Haruyoshi Ono propôs no projeto paisagístico um espaço próprio para a atividade comercial mediante locação de quatro quiosques padronizados que conformam um local destinado à alimentação. Os quiosques totalizam oito pontos comerciais, dos quais quatro estão destinados ao comércio de tacacá (iguaria da Região Norte), e os outros se fracionam em lanchonete, sorveteria e vendas de doces nacionais. Estes quiosques foram situados numa área próxima ao Quartel da Polícia Militar e à Avenida Brasil. E, como apoio para este uso foram dispostos bancos com arborização que se voltam para a apreciação da composição paisagística.

Haruyoshi Ono também incorporou ao projeto duas bancas de revistas já existentes no local, que foram substituídas por novas unidades. Elas foram locadas uma próxima à área destinada a alimentação e a outra no lado oposto da praça, na imediação do prédio da Prefeitura Municipal de Rio Branco (Figura 2).



**Figura 2:** Banca de Revistas da Praça da Revolução próxima ao edifício da Prefeitura, AC.

**Fonte:** Acervo do escritório Burle Marx e Cia Ltda

Ao conservar hábitos já consolidados na praça, como a atividade comercial, que caracteriza o local, Haruyoshi Ono evidencia sua deferência ao espírito do lugar. A condição de ser uma praça cívica é um dos aspectos que distinguem seu caráter. Entretanto, o comércio informal apesar de atender uma demanda deficitária, como por exemplo, pela oferta alimentícia, prejudicava a apropriação pela população ao lugar, por causa de sua desorganização. Desta forma, o comércio não foi removido, e sim reordenado, criando, com isso, um ambiente agradável para o desfrute da população.

Haruyoshi Ono também priorizou o uso destinado ao pedestre. Em entrevista concedida em 2012<sup>6</sup>, ele relata que a área antes configurava duas praças, pois era cortada

exatamente no meio por uma rua, com funções mal definidas. O exíguo traçado fragmentava a praça, caracterizado por desníveis, cujos canteiros eram situados em níveis mais altos com diferença de 30 a 40 cm, e o trajeto era percorrido num plano mais baixo. “Era um labirinto”, ele recorda. Segundo Ono, isso provavelmente foi um artifício utilizado para as pessoas não “cortarem caminho” (Figura 3). E, descreve: “A intenção primeira foi transformar essas duas praças numa área de praça mesmo. Num lugar que se pudesse percorrer a vontade, sem as limitações de percorrer caminhos.”

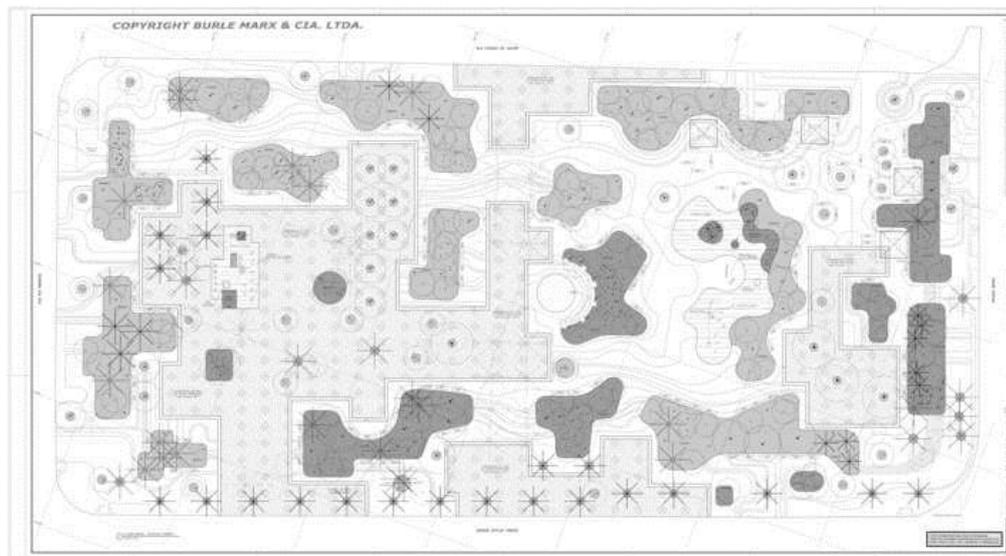


**Figura 3:** Antiga Praça Plácida de Castro na década de 60, com destaque para a alameda de veículos fragmentando o espaço.

**Fonte:** Acervo da Fundação Municipal Garibaldi Brasil.

A situação da Praça da Revolução localizada entre agências bancárias, escolas, o Quartel da Polícia Militar, a sede da Prefeitura da Cidade de Rio Branco, e a Biblioteca Municipal, define sua centralidade na paisagem, de modo que uma das características é o constante fluxo de pessoas transitando nesse local. De acordo com entrevista concedida em 2012<sup>7</sup>, Ono descreve que a forma como configurava a antiga praça, fragmentando o espaço, dificultava sua interlocução com o entorno, prejudicando também o deslocamento em seu interior.

Desta forma, relacionando ao espírito do lugar, Haruyoshi Ono em seu projeto paisagístico removeu a alameda de automóveis do traçado anterior, e configurou a praça numa forma integrada em um plano único, formando um todo coeso (Figura 4).



**Figura 4:** Projeto paisagístico da Praça da Revolução, demonstrando a forma integrada.

**Fonte:** Acervo do escritório Burle Marx e Cia Ltda.

Assim, com a forma gerada, a monumentalidade do edifício histórico do Quartel da Polícia Militar permanece valorizada, e possibilita a comunicação da praça com o entorno, facilitando também o deslocamento em seu interior.

Um dos aspectos mais característicos do projeto está relacionado à paginação de piso de seu traçado. Para esta criação, Ono buscou inspiração em desenhos indígenas de várias etnias da região. A esse respeito, Haruyoshi Ono, em entrevista concedida em 2012<sup>8</sup>, relata:

Eu acredito que a gente está perdendo as referências do passado, e eu acho importante preservá-las em qualquer comunidade, em qualquer aglomerado numa cidade. A gente tem que manter um testemunho do passado, que é importante, senão se perde essa referência. Ainda mais hoje. Por exemplo, antigamente na minha juventude, a gente ia pro Norte e encontrava comidas típicas, artesanato típico. No Nordeste, era diferente, assim como no Sul. Cada região tinha seus costumes, e sua cultura bem característica. Hoje em dia não, as coisas se mesclaram. Em todo lugar que a gente vai, no Brasil inteiro, no Norte a gente encontra coisas do Nordeste, no Sul a gente encontra coisas do Sudeste. É bom que haja isso, claro, mas tem que haver algo que mantenha a cultura. (Entrevista 6 jun, 2012)

A cultura indígena representa uma parte da identidade do povo do Estado do Acre. O índio foi o primeiro povo a habitar o território acreano. Atualmente, cerca de 3,0% da população indígena do país habita este estado, distribuída entre 14 etnias reconhecidas e organizadas, de acordo com relatos do historiador Marcos Vinícius Neves, presidente da Fundação Municipal Garibaldi Brasil. Na segunda metade do século XIX, esta população

significava 150 mil índios nativos entre 50 povos que tinham história própria, modos de vida, sua religião, sua sabedoria, enfim sua própria cultura e tradições. Ao longo do tempo, muitos desapareceram por causa das doenças e da violência. Alguns ainda sobrevivem e lutam por sua inclusão social e pela preservação de seus costumes.

Nessa perspectiva, Haruyoshi Ono, em entrevista concedida em 2012, descreve que “[...] pela valorização da tradição e dos costumes do local [...]”, concebeu parte da paginação de piso valendo-se da referência dos desenhos indígenas (Figura 5). E, descreve:

Então, baseado nisso, a gente pensou em alguma coisa que lembrasse as pessoas ao andar [...] e àquelas que estão no alto nos prédios do entorno, que vissem que existe algo no chão, um desenho, **uma intenção**. A gente queria marcar essa praça, e mostrar isso no piso. Estudamos vários desenhos típicos dos indígenas, elegemos um, e fizemos uma adaptação. (Entrevista, 6 jun. 2012, grifos nossos).

Assim, com a forma gerada, a monumentalidade do edifício histórico do Quartel da Polícia Militar permanece valorizada, e possibilita a comunicação da praça com o entorno, facilitando também o deslocamento em seu interior.

Um dos aspectos mais característicos do projeto está relacionado à paginação de piso de seu traçado. Para esta criação, Ono buscou inspiração em desenhos indígenas de várias etnias da região. A esse respeito, Haruyoshi Ono, em entrevista concedida em 2012<sup>9</sup>, relata:

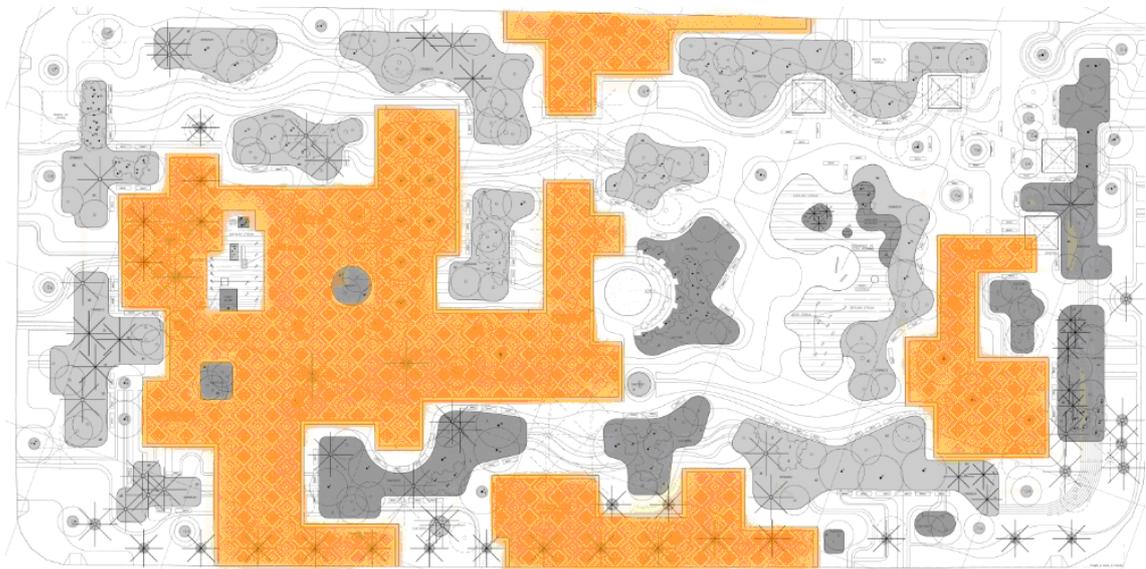
Eu acredito que a gente está perdendo as referências do passado, e eu acho importante preservá-las em qualquer comunidade, em qualquer aglomerado numa cidade. A gente tem que manter um testemunho do passado, que é importante, senão se perde essa referência. Ainda mais hoje. Por exemplo, antigamente na minha juventude, a gente ia pro Norte e encontrava comidas típicas, artesanato típico. No Nordeste, era diferente, assim como no Sul. Cada região tinha seus costumes, e sua cultura bem característica. Hoje em dia não, as coisas se mesclaram. Em todo lugar que a gente vai, no Brasil inteiro, no Norte a gente encontra coisas do Nordeste, no Sul a gente encontra coisas do Sudeste. É bom que haja isso, claro, mas tem que haver algo que mantenha a cultura. (Entrevista 6 jun, 2012)

A cultura indígena representa uma parte da identidade do povo do Estado do Acre. O índio foi o primeiro povo a habitar o território acreano. Atualmente, cerca de 3,0% da população indígena do país habita este estado, distribuída entre 14 etnias reconhecidas e organizadas, de acordo com relatos do historiador Marcos Vinícius Neves, presidente da Fundação Municipal Garibaldi Brasil. Na segunda metade do século XIX, esta população significava 150 mil índios nativos entre 50 povos que tinham história própria, modos de vida, sua religião, sua sabedoria, enfim sua própria cultura e tradições. Ao longo do tempo, muitos

desapareceram por causa das doenças e da violência. Alguns ainda sobrevivem e lutam por sua inclusão social e pela preservação de seus costumes.

Nessa perspectiva, Haruyoshi Ono, em entrevista concedida em 2012, descreve que “[...] pela valorização da tradição e dos costumes do local [...]”, concebeu parte da paginação de piso valendo-se da referência dos desenhos indígenas (Figura 5). E, descreve:

Então, baseado nisso, a gente pensou em alguma coisa que lembrasse as pessoas ao andar [...] e àquelas que estão no alto nos prédios do entorno, que vissem que existe algo no chão, um desenho, **uma intenção**. A gente queria marcar essa praça, e mostrar isso no piso. Estudamos vários desenhos típicos dos indígenas, elegemos um, e fizemos uma adaptação. (Entrevista, 6 jun. 2012, grifos nossos).

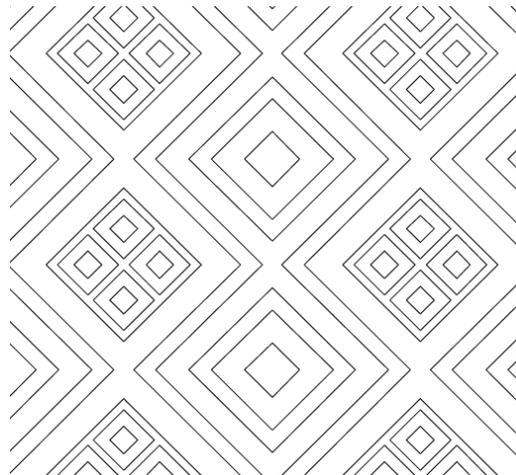


**Figura 5:** Demarcação no projeto paisagístico para a Praça da Revolução para realçar as áreas da paginação de piso inspirada nos desenhos indígenas, Rio Branco, AC  
**Fonte:** Acervo do escritório Burle Marx e Cia Ltda (Planta baixa modificada nas cores pela autora do artigo científico), 2005

Assim, Ono, em sua criação, deu origem a uma representação figurativa dos desenhos indígenas, que forma um mosaico construído em pedras portuguesas nas cores branca, preta e vermelha. Este piso é realçado pelo contraste com linhas orgânicas, executado em pedra portuguesa branca e preta. A relação entre os dois desenhos e suas cores realça o efeito pictórico do traçado (Figuras 6 e 7).



**Figura 6:** Desenhos indígenas expressos em pintura corporal e artesanato, representativos da cultura Yawa, etnia acreana.  
Fonte: Onofre Brito, s/d



**Figura 7:** Detalhe do projeto do desenho de piso inspirado em desenhos indígenas na Praça da Revolução, AC.  
Fonte: Acervo do escritório Burle Marx e Cia Ltda, s/d

A interpretação de Ono do espírito do lugar também pode ser evidenciada pela presença de dois objetos históricos na Praça da Revolução, como o coreto e a estátua do Cel. Plácido de Castro. De acordo com informações da Fundação Municipal Garibaldi Brasil, a estátua do coronel gaúcho Plácido de Castro foi erguida em 1964, em homenagem a um dos heróis da Revolução Acreana. Graças a isso, o povo passou espontaneamente a chamá-la na época de Praça Plácido de Castro. A construção do coreto remonta ao ano de

1966, quando se tornou palco de apresentações culturais, e representava um dos pontos de diversão da população rio branquense (Figuras 8 e 9).



**Figura 8:** Antiga Praça Plácido de Castro com coreto ao fundo, na década de 60.  
**Fonte:** Acervo da Fundação Garibaldi Brasil, s/d



**Figura 9:** Antiga Praça Plácido de Castro com estátua do Coronel Plácido de Castro  
**Fonte:** Acervo da Fundação Garibaldi Brasil, década de 1960

Nessa perspectiva, compreende-se que esses dois elementos possuem valor simbólico para a população da cidade e são representativos da identidade da praça, bem como do espírito do lugar. Desta forma, Haruyoshi Ono, em entrevista concedida em 2012<sup>10</sup>, relatou sobre a concepção da Praça da Revolução: “Valorizamos dois elementos que eram importantes nessa praça: um coreto antigo, e uma escultura em homenagem ao Plácido de Castro, o herói do Estado”.

Partindo deste princípio para a criação da nova configuração da praça, Haruyoshi Ono dispôs a estátua de Plácido de Castro no centro de um espelho d'água. Esse elemento, juntamente com o coreto e outro espelho d'água, forma o principal eixo de interesse na composição paisagística. O coreto continuou sendo um dos principais pontos de atrativo na Praça da Revolução, tal como acontecia anteriormente com a Praça Plácido de Castro. Ele foi apenas restaurado ganhando nova cobertura, e a vegetação situada posteriormente a ele se encarrega de complementar o efeito cênico.

Ono ainda integrou uma criação escultórica de sua autoria à composição paisagística. A escultura representa uma homenagem ao povo que lutou na Revolução Acreana, e que ajudou a tornar o Acre um território brasileiro. O monumento possui 12 metros e foi feito em aço carbono, cuja caracterização privilegiou formas abstratas. Em razão da magnitude de sua forma e seu porte, a escultura tornou-se uma referência na Praça da Revolução.

Com isso, Haruyoshi Ono aproxima a arte da vivência cotidiana das cidades, relacionando a concepção paisagística com a paisagem não só do local, como também do país. Nesse sentido, ele é atento às expectativas dos indivíduos em relação ao espaço público, que é visto como um lugar com peculiaridades específicas. Paralelamente, ele também considera as necessidades daqueles que vão utilizar o espaço e os usos a que se destina, que definem o espírito do lugar.

Nas características que distinguem o espírito do lugar está inclusa também a relação com as características físicas do local. Como mencionado, de acordo com Norberg-Schulz, a vegetação nativa é representativa do espírito do lugar, pois identifica um determinado local diferenciando-o de outros (NORBERG-SCHULZ, 1976 apud NESBITT, 2008).

O clima da cidade de Rio Branco é quente e muito úmido, com uma temperatura média anual em torno de 26°C, com máximas de 38°C, segundo dados do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA)<sup>11</sup>. Tal aspecto configura a importância da utilização da água para a praça, que objetiva amenizar sua temperatura, além do efeito estético. Desta forma, partindo deste princípio, Ono também privilegiou o uso deste elemento na concepção da Praça da Revolução.

Haruyoshi Ono relacionou sua criação com o meio ambiente, buscando interpretar suas peculiaridades, e incluir preocupações ecológicas no sentido lato, associadas ao local de sua intervenção. Em entrevista concedida em 2011<sup>12</sup>, Ono relata que os elementos mais importantes da composição paisagística são a vegetação e a água, e para a concepção ele contou com a colaboração de engenheiros agrônomos e botânicos para auxiliar na especificação da vegetação.

O componente aquático foi utilizado por meio de duas unidades, uma situada próxima à sede da Prefeitura Municipal de Rio Branco, que abriga a estátua do herói Cel. Plácido de Castro, e outra, em maior dimensão, localizada no extremo oposto, que envolve a escultura aos Heróis Anônimos. Ambos possuem esguichos que animam sua superfície e iluminação subaquática.

No que tange à escolha da vegetação, De acordo com informações da Fundação Municipal Garibaldi Brasil<sup>13</sup>, o ajardinamento inicial da praça ocorreu em 1966, pela atuação de um paraibano Manoel Alves Cavalcante de Albuquerque, que ficou responsável por sua manutenção por mais de 20 anos. Ele construiu o jardim inspirado em modelos franceses e alemães, em traçado ortogonal.

Ainda conforme informações da fundação, fazia parte de sua composição florística uma variedade de espécies nativas, tais como Palheiras de Jaci (*Attalea butyracea*), Pau D'Arco (*Tabebuia serratifolia*), Aguano (*Swietenia macrophylla*), além de espécies exóticas como Palmeira Imperial (*Roystonea oleracea*), Begônias (*Begonia elatior*), Azáleas (*Rhododendron simsii*), Açucenas (*Hippeastrum hybridum*), e Jasmins (*Jasminum officinale*). Em virtude da diversidade de espécies, a praça tornou-se um dos principais cartões postais da capital acreana (Figura 10).



**Figura 10:** Praça da Revolução, antiga Praça Plácido de Castro, com destaque para o traçado ortogonal e a composição florística.

**Fonte:** Acervo da Fundação Garibaldi Brasil, década de 1960

Acatando esse princípio, Haruyoshi Ono, em entrevista concedida em 2012<sup>14</sup>, descreve que conservou a maior parte da vegetação preexistente na antiga Praça Plácido de Castro para a concepção da Praça da Revolução. Nesse sentido, Ono destaca: “Privilegiamos a vegetação autóctone, além da que já existia, acrescentamos outras. Pois,

fizemos uma pesquisa sobre a vegetação local. Andamos com o pessoal do jardim botânico, e vimos as mudas que poderíamos encontrar”.

O arquiteto ainda priorizou na composição florística da praça a especificação da vegetação nativa no porte arbóreo, proveniente dos domínios da Floresta Amazônica e Cerrado. Foram acrescentadas 145 unidades de árvores e arbustos, entre as quais utilizou também espécies exóticas, especialmente para o porte arbustivo e forração, quando em sua intenção a combinação resultaria em melhores efeitos estéticos.

Haruyoshi Ono, em entrevista concedida em 2011<sup>15</sup>, descreve que atentou até mesmo para a vegetação presente no entorno imediato do local de intervenção. Isto não só confere legibilidade e identidade à paisagem, como assegura o equilíbrio dos sistemas ecológicos. O elenco de vegetação utilizada foi fornecido por viveiristas e pela chácara de propriedade do escritório, situada em Barra de Guaratiba, Rio de Janeiro. De acordo com Ono, em entrevista concedida em 2011<sup>16</sup>, a variedade de flora nativa brasileira com potencialidades paisagísticas à disposição para o uso em arquitetura paisagística não é mais tão significativa quanto na época de Burle Marx. Nesse sentido, Ono expõe:

Com todas as dificuldades que nos deparamos atualmente, eu acho que a maneira de escolher as plantas mudou um pouco, porque antes nós dispúnhamos de um elenco muito grande de plantas que poderíamos utilizar, principalmente nós do escritório (Burle Marx), pois Roberto tinha muita facilidade de cultivar plantas, de colher na natureza e tentar adaptar ao jardim, aclimatando, e multiplicando as espécies, para usar nos projetos. (Entrevista, 28 jul. 2011).

A prática de desenvolver excursões para coleta e identificação da vegetação com potencialidades paisagísticas, tal como era feito por Roberto Burle Marx e sua equipe, de acordo com depoimento do biólogo Joelmir Marques Silva<sup>17</sup>, hoje é controlada pelo Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio) por se tratarem, muitas vezes, de espécies em risco de extinção. Desse modo, Ono, em entrevista concedida em 2011<sup>18</sup>, continua:

Desta forma, fomos cerceados de fazer excursões em busca de plantas e de conhecer outros mercados. A rede de relacionamentos aberta por Burle Marx com botânicos e cultivadores diminuiu bastante conosco, pois não tínhamos como cultivar isso. Então ficamos restritos a fazer projetos abastecidos pela chácara, que por sua vez precisava de pessoas com vontade de dar continuidade a esse trabalho, e não encontramos. Então, ficamos com defasagem de administradores para a chácara, e aos poucos se foi esgotando nosso elenco, e terminamos caindo no ‘comum’ praticamente. Determinados projetos a gente considera que possuam um suprimento bom de plantas que não são utilizadas usualmente, mas são poucos. (Entrevista, 28 jul. 2011).

Entretanto, apesar das dificuldades e restrições encontradas para a utilização da flora autóctone no paisagismo contemporâneo, Haruyoshi Ono prioriza a consciência ecológica em suas criações paisagísticas. Em entrevista concedida em 2011<sup>19</sup>, Ono descreve: “Como foi dito, a especificação da vegetação autóctone é mais difícil e limitada, mas a gente sempre consegue. Existem muitos cultivadores que produzem plantas, e a gente recorre a eles para adquirir plantas autóctones”.

Como foi visto, a Praça da Revolução pertence ao domínio da Amazônia Brasileira. De acordo com Aziz Ab’Saber (2003), este corresponde ao cinturão de máxima diversidade biológica do planeta. Caracteriza-se, ainda, pelo clima equatorial úmido com predominância da vegetação de alta densidade florestal, com elevado índice pluviométrico e rios pertencentes à Bacia Hidrográfica do Rio Amazonas, e pelas sutis variações de ecossistemas. Ela continua incluída na Reserva Extrativista Chico Mendes, de acordo com dados do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Criada em 1990, esta é a maior reserva extrativista do Brasil, e compreende uma área de 931.062 ha, sendo categorizada como uma “Unidade de Conservação de Uso Sustentável”.

Originalmente, a criação da reserva foi fruto da luta pela identidade dos seringueiros, povos que viveram explorados secularmente pelos patrões da borracha nativa na Amazônia. Eles organizaram um movimento de oposição ao modelo de desenvolvimento estabelecido pelo Governo Federal para a região amazônica na década de 70, segundo encontra-se exposto no Plano de Manejo da Reserva Extrativista Chico Mendes, de 2006<sup>20</sup>. O processo iniciado em Xapuri, no Estado do Acre, contou com a liderança do seringueiro Chico Mendes.

A regulamentação visa assegurar a autossustentabilidade da reserva mediante a apresentação de relação de condutas tradicionais de utilização dos recursos naturais, que são incorporadas à cultura dos moradores bem como de outras condutas a serem seguidas, com o objetivo de garantir o uso sustentável dos recursos naturais e proteger o meio de vida e a cultura das populações das florestas com o compromisso de conservá-las para as gerações futuras.

Ainda segundo o Plano de Manejo, a cultura do seringueiro, que tradicionalmente constitui a população da reserva bem como da cidade de Rio Branco, está baseada no que se costuma chamar de um “conservadorismo cultural” que implica em um comportamento mais prudente em termos ecológicos. Nesse sentido, a concepção da Praça da Revolução levou em consideração valores ambientais, sem perder de vista aspectos culturais e éticos, pois, como orienta o Relatório Brundland (1987), “o Meio Ambiente não existe como esfera desvinculada das ações, ambições e necessidades humanas”.

Uma das iniciativas de Ono para atingir este fim foi entender a área da praça não como um ponto isolado na paisagem e sim integrado num contexto, portador de significados materiais e imateriais. Sobre sua maneira de criar a paisagem, Haruyoshi Ono, em entrevista concedida em 2011<sup>21</sup>, relata: “Tem que conhecer bem o local para onde o projeto se destina, observar o entorno. Isso é muito importante, porque o projeto, independente do tamanho, vai fazer parte de um conjunto, vai ser inserido.”

Em outras palavras, a concepção foi contextualizada à paisagem. Dessa maneira, a concepção de Haruyoshi Ono abarca o conceito do que, em meados do século XX, Ian McHarg nomeou de “*continuum naturale*”. O pensamento que permeia este conceito remonta ao século XIX, quando foi utilizado pela primeira vez na Inglaterra, em 1843, no “Plano Birkenhead Park”, de Joseph Paxton, que propôs um conceito inovador para parques, considerando aspectos ambientais dentro de um sistema viário (MAGALHÃES, 2001).

Em meados do século XX, o estudioso de arquitetura paisagística da Universidade de Harvard, Philip Lewis, unindo conhecimentos antecedentes, desenvolveu um método para análise de paisagens, que chamou de “corredor ambiental”, procurando determinar a localização exata e o valor relativo de cada paisagem dentro de determinados locais, distintos de outros, caracterizados por diferentes tipos de vegetação, recursos hídricos e topografias. Também foi nesta metodologia que se incorporou o valor estético qualificado como atributo paisagístico.

Entretanto, apesar de não existir um método único para análise da paisagem, estudos têm sido expostos revelando a importância da compreensão holística, que integre aspectos físicos, biológicos, econômicos, políticos, sociais, culturais. Tal conjunção já era proposta por Roberto Burle Marx desde primórdios do século XX. Sua visão representa, de forma ampla, não somente a clareza que ele tinha de seu ofício, mas a noção de um todo que está além dos processos ecológicos e se preocupa com os aspectos culturais e sociais, cujo objetivo era sensibilizar o indivíduo, para que, a partir dele, se processem as mudanças necessárias à continuidade da vida.

A concepção paisagística de Haruyoshi Ono está em harmonia com este pensamento, pois segundo descreve em entrevista concedida em 2011<sup>22</sup>: “as coisas foram sucedendo naturalmente, e [...] eu acho que não houve uma descontinuidade na forma de projetar.” Desta forma, valendo-se deste princípio, Ono estabeleceu um “corredor ambiental” integrando a concepção da Praça da Revolução a outros logradouros, presentes no entorno.

Anteriormente à solicitação do projeto paisagístico para a Praça da Revolução, Haruyoshi Ono já havia realizado em Rio Branco uma requalificação da Praça dos Seringueiros, localizada nas imediações. Esta, juntamente com outras cinco praças – Praça

Eurico Dutra, Praça Povos da Floresta, Praça da Catedral, também conhecida como Praça dos Tocos, a Praça da Biblioteca Pública, e a própria Praça da Revolução –, constituem um perímetro de espaços livres urbanos que configuram um corredor ambiental. Por intermédio destes espaços é possível interpretar características semelhantes em relação à vegetação, aos materiais utilizados no tipo de piso e do mobiliário, e a atenção dada aos aspectos culturais do lugar.

Vista dessa maneira, compreende-se a dimensão sustentável da conservação da paisagem de um lugar, enquanto fenômeno portador dos aspectos físicos e biológicos de um local, e de sua cultura, intimamente ligado ao sistema de representações, de significados, de valores que criam uma identidade que se manifesta mediante construções compartilhadas socialmente e expressas espacialmente.

### **Considerações finais**

O estudo da criação da Praça da Revolução possibilitou entender a importância da conservação da paisagem diante das intervenções no ambiente urbano, que deve ser vista como um bem patrimonial das sociedades. Como Ono resumiu, em entrevista concedida em 2012, “[...] temos que escolher o que fica melhor para todo mundo, temos que entender o que as pessoas que irão usar o espaço vão achar [...]”. Em outras palavras, ele busca interpretar as percepções dos indivíduos diante dos estímulos proporcionados pela composição do espaço, e revela o compromisso ético do paisagista contemporâneo.

O projeto paisagístico de requalificação da Praça da Revolução não é apenas produto de determinantes exteriores, nem somente resultado de intuições criativas. Intimamente ligado ao foro artístico e estético, destina-se a obter o maior grau possível de emoção perceptiva dos habitantes. Para tanto, Ono entende que o recurso ao passado é indispensável, numa atitude interpretativa de valores culturais, e de tradução para o contexto atual.

Interpretando as peculiaridades de cada local, sejam elas físicas ou culturais, ele expressa este princípio com a finalidade de conceder significado ao jardim. Cauquelin assinala que, para fazer ver o que não se pode ver, para sugerir o invisível, os criadores buscam “[...] a estrutura oculta que preside à existência da paisagem [...]” (2007, p. 167). E é na busca pela identidade de cada local e pela apreensão de suas vivências, signos culturais, entendendo o valor de sua precedência, para dar origem ao seu produto criativo, que Ono contribui para reforçar o vínculo dos habitantes com os lugares em que intervém.

No que tange os processos naturais, Haruyoshi Ono priorizou a especificação da flora do respectivo domínio fitogeográfico na elaboração do projeto da Praça da Revolução.

Em vista disto, ele permite que a vida cotidiana possa ter presente o contato com a vegetação nativa. As pessoas passam a experimentá-la esteticamente, num ato mediado pelos sentidos e a razão, e com isso Ono oferece a oportunidade de sensibilizar a sociedade a mudar sua relação com o meio ambiente. Tornando-a conhecida, Ono possibilita a valorização da flora brasileira pela população, o que é de suma importância para sua preservação e perpetuação para futuras gerações.

Ao utilizar a flora nativa como um dos principais elementos compositivos, Haruyoshi Ono a “artealiza”, utilizando o termo adotado pelo filósofo Alain Roger (1994), que significa algo que é derivado da arte. Em outras palavras, por meio da arte do jardim, Ono faz uso da vegetação, antes restrita às matas e florestas brasileiras, e a torna paisagem. Roger reflete que é preciso o contato humano para que haja paisagem.

A paisagem é assim uma “invenção”, como diz Anne Cauquelin (2007). É uma invenção porque é preciso o substrato cultural ao elemento natural, ou seja, a paisagem é “sempre uma criação cultural” (ROGER, 1994) (texto traduzido). Ainda conforme Roger, a apreciação da paisagem de um local é parte de uma criação cultural. Desta forma, na referida praça, o olhar cultural é intercedido pela linguagem paisagística de Ono, por meio da qual ele embasa uma conexão entre elementos naturais e valores culturais.

Porém, para que esta mediação aconteça, Ono busca entender as sensações do público perante novas propostas e, desse modo, reserva em sua intervenção relativa harmonia na paisagem. Tal fato decorre da permanência de determinadas características paisagísticas, que ele, ao intervir, busca conservar. Trata-se da “retórica” implícita na paisagem, como reflete Cauquelin (2007). Esta constância perceptiva é particularmente importante, porque graças a ela o mundo surge com certa estabilidade, como descreve Fayga Ostrower (2010).

A noção de paisagem instaurada numa sociedade, conforme o geógrafo Augustin Berque (1994), leva a pensar de maneira precisa, fruto de longo e complexo aprendizado, que conduz a modificar o meio motivado em determinado sentido. Desta forma, Ono interpreta a relação entre a sociedade-cultura-meio ambiente, decifrando as dobras da paisagem, para então dar origem ao seu produto criativo. Sendo assim, a paisagem criada por Ono na Praça da Revolução, antes de ser uma construção individual, é produto da evolução das representações coletivas, que estão implícitas em sua linguagem paisagística.

Na concepção da Praça da Revolução são materializadas tradições vernaculares, com o uso da pedra portuguesa, o simbolismo da tradição cultural acreana por meio do desenho do piso inspirado em caracteres indígenas, e a preservação de elementos construídos, como o coreto. E por que não dizer que, em certa medida, materializa a cultura

da região Norte do país por intermédio da relação com o meio ambiente, pela prioridade dada à especificação da vegetação tropical nativa do domínio da Floresta Amazônica.

Desta maneira, Ono torna visíveis ocorrências significantes da cultura tropical brasileira por meio desta concepção, e requalifica a vida social e a paisagem de Rio Branco. Esta praça, que é especialmente vivenciada pelo povo acreano, um dos mais miscigenados do país, e morador de um território dos mais afastados dos grandes centros urbanos nacionais. Um povo que luta incansavelmente em defesa de sua cultura e de seu meio ambiente, ainda em ecos da voz do seringueiro Chico Mendes e do paisagista Roberto Burle Marx, ícones na defesa da conservação da paisagem brasileira.

**Recebido em:12/12/2013**

**Aprovado em:10/06/2014**

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Informações obtidas mediante contato via endereço eletrônico com a Fundação Municipal de Cultura Garibaldi Brasil, em 22 de Maio de 2012.

<sup>2</sup> Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono, em 6 de junho de 2012, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

<sup>3</sup> Disponível em:  
[http://www.international.icomos.org/quebec2008/quebec\\_declaration/pdf/GA16\\_Quebec\\_Declaration\\_Final\\_PT.pdf](http://www.international.icomos.org/quebec2008/quebec_declaration/pdf/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf). Acesso em: 27 de Julho de 2012.

<sup>4</sup> Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono, em 28 de julho de 2011, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

<sup>5</sup> Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono, em 6 de junho de 2012, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

<sup>6</sup> Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono, em 6 de junho de 2012, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

<sup>7</sup> Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono, em 6 de junho de 2012, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

<sup>8</sup> Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono, em 6 de junho de 2012, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

<sup>9</sup> Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono, em 6 de junho de 2012, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

<sup>10</sup> Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono, em 6 de junho de 2012, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

<sup>11</sup> Disponível em: ><http://www.ibama.gov.br/><. Acesso em: 11 jun. 2012.

<sup>12</sup> Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono, em 28 de julho de 2011, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

<sup>13</sup> Informação obtida mediante contato via endereço eletrônico com a Fundação Municipal de Cultura Garibaldi Brasil, em 22 de maio de 2012.

<sup>14</sup> Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono, em 6 de junho de 2012, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

<sup>15</sup> Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono, em 28 de julho de 2011, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

<sup>16</sup> Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono, em 28 de julho de 2011, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

<sup>17</sup> Joelmir Marques da Silva é graduado em Ciências Biológicas pela Universidade de Pernambuco, mestre e doutorando em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco. É pesquisador do Laboratório da Paisagem da UFPE, no grupo de pesquisas do CNPq “Jardins de Burle Marx”.

<sup>18</sup> Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono, em 28 de julho de 2011, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

<sup>19</sup> Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono, em 28 de julho de 2011, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

<sup>20</sup> Disponível em: [http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/resex\\_chico\\_mendes.pdf](http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/resex_chico_mendes.pdf). Acesso em: 5 jul. 2012.

<sup>21</sup> Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono, em 28 de julho de 2011, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

<sup>22</sup> Entrevista realizada com o arquiteto Haruyoshi Ono, em 28 de julho de 2011, no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

## REFERÊNCIAS

AB’SABER, Aziz Nacib. *Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ACSELRAD, Henri. “Discursos da sustentabilidade urbana”. In: *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*. n. 1, v. 1, p. 79-89, mai/nov, 1999.

BERQUE, Augustin. “Paysage, milieu, historie”. In: BERQUE, Augustin (Org.) *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Paris: Champ Valon, 1994. (Texto traduzido)

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins, 2007.

JACOBI, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. In: *Cadernos de Pesquisa*, n. 118, p. 189-205, março 2003.

MAGALHÃES, Manuela Raposo. *A arquitetura paisagista: morfologia e complexidade*. Lisboa: Editorial Estampa, 2001.

---

MARX, Roberto Burle; TABACOW, José (Org). *Arte e paisagem*. São Paulo: Studio Nobel LTDA, 2004.

MELO, Vera Lúcia Mayrinck de Oliveira. “A paisagem sob a perspectiva das novas abordagens geográficas”. Artigo científico. *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*, 2005.

MORAIS, Maria de Jesus. “*Acreanidade*”: *A invenção e reinvenção da identidade acreana*’. 2008. 301 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2008.

NESBITT, Kate (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. 2ªed. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. 2ªed. São Paulo: Cosac Naify, 2008.p. 444-459.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e procesos de criação*. 25ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. *Nosso futuro comum*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991

ROGER, Alain. *Historie d’une passion théorique ou comment on deviant un raboliot du paysage*. In: BERQUE, Augustin (Org). *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Paris: Champ Valon, 1994.

SILVA, Nilson Euclides da. *Um governo na floresta*. 2009. 221 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009.